

Capítulo XXVI - O FOLÊGO NO FUNDO DO RESERVATÓRIO?

Naquela noite, o balanço entre os sucessos alcançados e as decepções vivenciadas estava bem pendente para o lado negativo. Havia êxitos a registrar, associados aos salvamentos dos quais eu tinha participado, mas as tentativas frustradas de encontrar Ana com vida, somadas à pífia presença de barcos para prestar socorro aos náufragos, deixavam a minha consciência invadida pelo sentimento de derrota.

Embora não tivesse alcançado o objetivo de trazer Ana para o meu lado, eu tinha a certeza de que, até aquele momento, havia feito tudo que estava ao meu alcance para encontrá-la com vida. E na minha mente, não restavam dúvidas de que aquela ida à traineira era a última oportunidade para estabelecer um contato com a minha namorada. Afinal, eu já havia constatado o reduzido número de sobreviventes que permaneciam no casco do Bateau Mouche. Restava, então, como última tentativa, a rechecagem na traineira.

Quando me aproximei da embarcação, notei que as laterais não estavam tão abarrotadas de sobreviventes quando da primeira vez que cheguei mais perto do barco. Fiquei com a nítida impressão que as pessoas que conseguiram alcançar a traineira, passada a fase de maior desespero, se auxiliaram e organizaram o acesso ao barco, preservando a sua estabilidade. Mesmo assim, alguns náufragos permaneciam pendurados na amurada da traineira. Considerando a distância que eu estava do barco, associada à penumbra, era impossível identificar as causas para aquelas pessoas não terem sido levadas para o convés da embarcação.

Mesmo cansado, consegui elevar o meu tórax um pouco acima da superfície, enchendo os pulmões de ar que foi totalmente utilizado para gerar três potentes gritos pelo nome de Ana. Eu estava me preparando para uma nova série de gritos, quando, subitamente, o barco começou a se deslocar com uma certa velocidade, carregando com ele a minha última esperança de encontrar Ana viva nos ambientes que compunham o principal cenário do naufrágio: a traineira e o casco do Bateau Mouche.

Capítulo XXVI - O FOLÊGO NO FUNDO DO RESERVATÓRIO?

Diante de mais uma frustração, não havia mais alternativas a não ser voltar para o Bateau Mouche e tentar identificar se algum náufrago ainda necessitava de ajuda, enquanto a tripulação do iate providenciava o socorro. Antes de começar o meu nado de retorno, decidi manter-me imóvel no mar, de modo a recuperar um pouco do meu fôlego. Naquele momento, formava-se uma indesejável combinação de tristeza com cansaço que influenciava diretamente a minha motivação para me deslocar imediatamente até Bateau.

De onde eu me encontrava, era possível ver as luzes do iate que representava para mim a melhor, e provavelmente única, opção de resgate. Contudo, eu não tinha condições de avaliar, devido à distância, em que etapa estava o processo de salvamento dos náufragos que permaneceram nas proximidades do Bateau. Raciocinei, então, que não devia ficar muito tempo parado ali, descansando, porque corria o sério risco de o iate levantar âncoras e partir, depois de recolher a última pessoa encontrada na área principal de resgate, próxima ao barco.

Abandonei, então, a aposição de quase inércia e recomecei o meu nado, agora em direção ao iate, sabendo que, obrigatoriamente, passaria pelo local onde o Bateau Mouche se encontrava, em flutuação. Uma leve fisgada na panturrilha direita indicou que as minhas reservas energéticas já estavam próximas à exaustão, antecedendo a um possível quadro de câimbras nas pernas, com suas nefastas consequências.

Aquele sinal de fadiga acendeu uma luz amarela na minha mente, porque eu não podia interromper os meus movimentos na água, ou mesmo diminuir a velocidade, sob pena de não chegar a tempo de ser recolhido pelo iate. Como eu continuava usando um estilo modificado de nado de peito para me deslocar, decidi alterar para o estilo de costas, também adaptado, pois os braços funcionavam como remos, deslocando-se praticamente imersos na água. Com essa mudança de posição, esperava estar usando outro conjunto de músculos, poupando, mesmo que parcialmente, a estrutura motora das panturrilhas.

Capítulo XXVI - O FOLÊGO NO FUNDO DO RESERVATÓRIO?

Ao mudar a forma de nadar, eu perdi a vantagem de poder identificar, mesmo prejudicado pela penumbra, o que estava à minha frente. Na posição que eu adotara, só era possível observar o que se passava nas minhas laterais. Devido a essa limitação e para evitar que me afastasse do meu novo objetivo principal – conseguir ser resgatado pelo iate – antes de iniciar o nado de retorno, calculei com muita atenção a trajetória correta para chegar à embarcação, passando antes pelo Bateau Mouche, à minha direita.

Era muito importante dosar o meu esforço, tendo em vista o meu precário estado físico. Sendo assim, eu procurava monitorar o meu avanço no mar prestando mais atenção no meu lado direito, na expectativa de avistar o casco do Bateau Mouche, pois ele seria uma indicação de que eu estaria bem perto do iate. Antes de nadar em direção à traineira, eu havia registrado na memória a distância aproximada entre o Bateau e o iate.

Passados alguns minutos nadando de costas, achei curioso não ter registrado nenhuma ocorrência, nem no lado direito, nem no esquerdo: não identifiquei o casco do barco e não vi nem um dos naufragos sequer. Decidi então, sem movimentos bruscos, retomar o nado de peito, tentando visualizar o que estava à minha frente. Para minha surpresa, constatei que estava a poucos metros do iate e como não havia nenhum sinal do Bateau Mouche no trecho que ainda faltava para chegar ao iate, pude concluir que o barco havia submergido integralmente.

Como o bote a remo do iate ainda estava realizando manobras no mar, entendi que podia parar de nadar por alguns instantes para me certificar de que não havia mais naufragos nas proximidades necessitando de ajuda, considerando que as dificuldades para sobrevivência tinham aumentado com a ida a pique do Bateau. Aproveitei para descansar um pouco e recuperar o fôlego.

Havia um silêncio melancólico ao meu redor que atestava a ausência de sobreviventes na água. Pensei na mulher que eu resgatara duas vezes e pedi a Deus que a tripulação do iate tivesse chegado a tempo de tirá-la do mar com vida.

Capítulo XXVI - O FOLÊGO NO FUNDO DO RESERVATÓRIO?

Chegavam somente aos meus ouvidos ruídos embaralhados que tinham como origem o iluminado convés do iate. Estava claro que não havia mais nada que eu pudesse fazer no mar e que o resultado do fatídico naufrágio estava fechado, entre sobreviventes e vítimas fatais.

Na condição de último náufrago vivo a sair do mar, iniciei o meu nado em direção ao iate para ser resgatado, com o maior cuidado possível, pois o porte avantajado do barco não permitia improvisações e aglomerações ao seu redor, como constatei na traineira. Contudo, em um episódio trágico, marcado por tantas frustrações e tristezas, eu não deveria descartar a hipótese de o repertório de dificuldades continuar a me desafiar. De acordo com essa possibilidade, que logo se converteu em realidade, o meu resgate não foi tão simples e tranquilo como eu previra. Muito pelo contrário !

